

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Faculdade de Educação

Daiane Fernandes Gomes

A Permanente Necessidade de Valorização da Arte e da Criatividade na Escola

Rio de Janeiro

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Faculdade de Educação

Daiane Fernandes Gomes

A Permanente Necessidade de Valorização da Arte e da Criatividade na Escola

Trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, apresentado à Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de graduada, sob orientação do Professor Dr. Alexandre Palma da Silva.

Rio de Janeiro

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Faculdade de Educação

Banca examinadora

Professor Doutor Alexandre Palma da Silva (Orientador)

Professora Doutora Monique Andries Nogueira

Professor Mestre José Roberto Peres

Rio de Janeiro

2015

Com muito carinho, dedico este trabalho a minha mãe Maria Fernandes de Lima, por todo amor, compreensão e apoio para minha formação acadêmica e para realização de todos os meus sonhos. Também ao meu futuro marido, meu grande amor, Diogo Rodrigues Pedro de Alexandria, que me incentiva para a realização dos meus ideais, que se alegra comigo e sempre está ao meu lado, encorajando me a enfrentar a vida. A eles além da dedicatória desta conquista dedico a minha vida, amo vocês!

Agradecimentos

A Deus, por seu amor por mim e por demonstrar sua grandeza em minha vida, tudo é dele, por ele e para ele.

As minhas amigas amadas Juliene Raquel e Larissa Cristine, por contribuírem em minha formação acadêmica, e também por nossa linda amizade e parceria construída desde o primeiro período, vocês foram pontes para este momento.

A minha irmã Sabrina Carvalho, por todo apoio e amor mesmo na ausência do laço sanguíneo, isso é prova de que nossa irmandade ultrapassa qualquer barreira.

A todos os professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e sua contribuição para minha formação.

Ao meu orientador Prof.Dr. Alexandre Palma da Silva, que dedicou seu tempo, seu conhecimento e seu olhar crítico e construtivo para a construção desta monografia, serei eternamente grata.

RESUMO

O tema a ser trabalhado nesta pesquisa é a valorização da arte na escola .O objetivo desta pesquisa é analisar os processos artísticos – pedagógicos de crianças em uma escola privada situada em região de periferia da cidade do Rio de Janeiro, a partir de seus desenhos. Observamos as contribuições de Derdyk (1989), Iavelberg (2003), Oliveira(1993), Ostrower (1987), Peregrino et alli (1995), Rego (1995), Smolka (2009), Zoladz (1999); autores que contribuem nesta análise sobre o grafismo infantil. Concluímos que este trabalho apresenta subsídios para uma reflexão sobre a importância do ensino da arte na educação infantil com foco na expressão criativa dos alunos.

Palavras Chave: Arte na escola, Educação Infantil, Modernismo

Sumário

A PERMANENTE NECESSIDADE DE VALORIZAÇÃO DA ARTE E DA CRIATIVIDADE NA ESCOLA

INTRODUÇÃO08

CAPÍTULO 1 – O papel da arte na escola

1.1 A criança, a escola e a arte.....11

1.2 Identidade artística e Criatividade.....14

1.3 O grafismo Infantil.....19

CAPÍTULO 2 – Uma proposta com desenho na educação infantil

2.1 Contexto educacional e social da escola pesquisada.....25

2.2 Análises de Imagens.....28

CONCLUSÃO.....39

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS42

Introdução

A valorização do ensino da Arte é um assunto discutido por muitos educadores ainda mais após a divulgação da Lei de Diretrizes e Bases para Educação Nacional em 1996. Sabemos que a fruição é algo relacionado a influências culturais e sociais. Neste cenário, a escola tem em suas mãos a possibilidade de desenvolver nas crianças, desde a educação infantil, o interesse pela arte e sua familiarização com a mesma.

Este estudo tem como ponto de partida uma escola particular de pequeno porte localizada no Bairro Maré, onde consideramos o acesso cultural mais limitado e a necessidade da arte minimizada por políticas educacionais e culturais.

Peregrino et al. (1995) afirma que as desigualdades sociais geram posturas diferenciadas e desigualdades diante das obras culturais. É importante valorizar o meio em que os alunos estão inseridos, suas vivências e costumes, mas as condições devem ser dadas a todos. De igual modo Nogueira (2008) diz que: não é porque o aluno mora na periferia que seus limites devam ficar restritos a isto. Não deve haver limite para a arte, por divisão de classes ou qualquer tipo de restrição.

Considerando este cenário, e observando a relevância do estudo das questões mencionadas anteriormente, esta monografia se propôs a fazer uma análise sobre, o problema da valorização do ensino de arte na escola, e como isto se reflete nos alunos nas atividades expressivas do universo infantil, problema a ser estudado neste campo específico.

Para entender esta questão, foi feita uma pesquisa de metodologia qualitativa que prioriza a qualidade dos dados e não a quantidade como ocorre com a metodologia quantitativa. Além disso, a pesquisa foi realizada com base na definição de Alves (1991), pois esta autora defende a ideia de que esta metodologia parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu

comportamento tem sempre um sentido, o que demonstra ser pertinente ao nosso estudo.

Com base nesta metodologia, a instituição escolar que escolhemos para este estudo possui seis anos de funcionamento, sendo legalizada pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro há dois anos. Atualmente a instituição atende à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental.

Também realizamos a pesquisa bibliográfica e análise de imagens como técnica de coleta de dados, a fim de pensar intervenções e desencadear soluções para o problema que foi destacado.

O tema/problema trabalhado nesta pesquisa foi a valorização da arte na escola e de que modo a representação visual - o desenho infantil - nos permite estabelecer relações sobre o processo pedagógico-artístico realizado pelas crianças. Secundariamente, tentamos observar outra questão: as contribuições da educação, a partir de uma perspectiva moderna, para o despertar da necessidade da arte.

A divisão desta monografia se dá através de dois capítulos. O primeiro é uma discussão sobre a forma que a valorização da Arte e a necessidade de expressão artística de criança foi interpretada por diferentes autores da área de Arte/Educação, especialmente sob a perspectiva da Escola Nova. Escolhemos este aspecto porque entendemos a Escola Nova como um marco para novos olhares da educação, sobre a expressão da criança, em especial o grafismo infantil. Para tal apresentamos o problema a partir de três aspectos: A criança, a escola e a arte; identidade artística e criatividade; o grafismo infantil.

Na tentativa de compreender estas questões, dialogamos com os seguintes autores: Derdyk (1989), Iavelberg (2003), Oliveira(1993), Ostrower (1987), Peregrino

et alli (1995), Rego (1995), Smolka (2009), Zoladz (1999). Que nos permitiram tecer algumas considerações sobre a Arte, a expressão artística das crianças e a educação.

O segundo capítulo descreve a unidade escolar específica e uma ação pedagógica pontual que investigamos. No segundo momento é apresentada a análise de desenhos de crianças desta instituição, utilizando os desenhos como técnica de coleta de dados, conforme sugestão de Vergara (2004). Este item do trabalho colabora para entendermos como as crianças estão se expressando, e de que maneira é possível perceber ou não a valorização das atividades artísticas neste espaço escolar.

O objetivo desta pesquisa é reafirmar a contribuição da Escola Nova no debate sobre a valorização da Arte no espaço escolar, ao pesquisarmos uma escola localizada em uma comunidade, na região da Maré, Zona Norte do Rio de Janeiro.

A ênfase na expressão criadora ou na repetição de modelos prontos são dilemas que ultrapassam os muros da educação infantil ao verificarmos na atualidade o modismo de livros para colorir destinados a adultos. Ao lado deste problema, a disciplina “Arte e Educação”, disciplina obrigatória do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, trouxe importante reflexão sobre o ensino da arte nas escolas, e ali percebemos que a grande maioria delas ainda não valorizam a apreciação artística ao não desenvolverem atividades qualitativamente voltadas para a mesma. Deste modo comecei a perceber a necessidade da arte e de seu ensino na escola considerando o papel da criatividade.

O tema foi escolhido devido a uma inquietação por perceber a difícil relação dos alunos com a arte. Assim este estudo foi pensado com o intuito de buscar reflexões sobre o significado da arte na atuação do pedagogo, especialmente junto aos alunos das séries iniciais da escola.

CAPÍTULO 1 - O papel da arte na escola

O presente estudo parte da valorização e importância da arte na escola, no desenvolvimento infantil e também como conteúdo decisivo na formação do aluno. A seguir apresentaremos três tópicos que vão expor a relação arte/criatividade/grafismo a partir do modernismo na educação brasileira.

1.1 A criança, a escola e a arte

Rosa Iavelberg (2003) discorre sobre a importância da arte. Além de ser uma disciplina obrigatória, a arte desenvolve habilidades e competências importantes para outras áreas de estudo. Iavelberg (2003 p.9) diz que “quem conhece arte amplia sua participação como cidadão”. E compete a escola e ao professor garantir o ensino de arte, para que o conhecimento não seja restringido apenas às experiências.

O nosso estudo visa à compreensão da necessidade da arte para sua valorização, e Iavelberg (2003) levanta pontos de suma importância para este estudo, considerando que a arte vai além da obrigatoriedade, pois ela faz parte da construção do indivíduo. A escola tem seu papel determinante, pois as influências culturais, sociais e econômicas são pertinentes; por isso, a escola desde cedo deve proporcionar conhecimentos artísticos que são direito dos alunos.

Na perspectiva de Lev Vygotsky descrita por Tereza Cristina Rego (1995), as características do indivíduo dependem da interação com o outro, o meio físico e social. Deste modo o desenvolvimento está relacionado com o contexto social e cultural, seus comportamentos, modo de pensar, valores e conhecimentos desta interação.

Segundo Rego (1995), para Vygotsky todo aprendizado é necessariamente mediado. Isso torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante, remetendo à escola facilitar um processo que deve ser mediado e conduzido levando em conta o próprio aluno. O ensino é o que se transmite ao aluno, aquilo que o mesmo não pode descobrir sozinho criando a relação de aprendizado e desenvolvimento.

Para o nosso estudo é importante entender a visão de Vygotsky descrita por Rego (1995), assim como Iavelberg (2003) que tratam da importância do professor e o seu papel como facilitador no processo de ensino e aprendizagem artística instigando nos alunos curiosidade e o interesse, para que as crianças tenham prazer e gosto pelas artes.

Marta Kohl de Oliveira (1993) discorre sobre Vygotsky e trata do processo de desenvolvimento humano, como uma ação que ocorre segundo as expressões externas. Assim o indivíduo se apropria disso, gerando uma transformação interna, e assim o sujeito é capaz de expressar aquilo de que ele já se apropriou e interpretou. Segundo Oliveira (1993), para Vygotsky o ensino e a aprendizagem devem ser significativos para o aluno e embora ressalte a importância da intervenção, o desenvolvimento do indivíduo passa por esta relação com o meio cultural, não existindo imposição e sim reelaboração e reconstrução daquilo que lhe é transmitido.

Em nossa monografia a autora citada traz uma significativa contribuição. Ao mencionar apropriação, é preciso destacar que isso ocorre através das vivências que a escola enquanto ferramenta maior pode e deve oferecer aos alunos. Logo, a escola e a democratização dos bens culturais caminham juntas: o sujeito aprende quando recebe informações, reelabora e se apropria. Não se trata de uma simples transmissão de informação. Há um processo de aquisição de conhecimento e familiarização, para que

haja um entendimento, apreciação e reelaboração, tornado possível a expressão da criança.

É importante que a escola valorize a vivência e o cotidiano do aluno no meio social onde está inserido, entretanto ela não pode se limitar a isto, pois como afirma Nogueira (2006) as obras de arte sejam populares ou eruditas promovem crescimento e humanização, então não devemos impor limites às artes. Pelo contrário, devemos buscar a apropriação dos sujeitos sem distinção: a escola e os professores são instrumentos para alcançarmos uma sociedade que tenha pleno acesso aos bens culturais.

Smolka (2009) apresenta comentários sobre a visão de Vigotsky sobre a imaginação da criança. Neste sentido, ela afirma que a imaginação depende da experiência adquirida pela criança e que a mesma está em constante desenvolvimento e diferencia-se por apresentar originalidade. Além disso, a autora ressalta que devido ao fato de a imaginação da criança estar em constante desenvolvimento, ela precisa ser estimulada através do conhecimento concreto e também do conhecimento que é transmitido a partir de tradições ou lendas culturais, considerados como atividade reprodutiva ou atividade criadora.

A atividade reprodutiva tem como ponto principal a reprodução das marcas e impressões adquiridas em algum momento, a partir de uma vivência concreta, e geralmente leva o sujeito a repetir expressões semelhantes ao que já conhece. Já a atividade criadora está voltada para a elaboração de novas imagens ou ações e não a mera reprodução de algo já experienciado. Esta atividade, portanto, se baseia na imaginação do próprio sujeito, mesmo que ele não tenha uma experiência clara de determinada situação. A atividade criadora é denominada pela psicologia como imaginação ou fantasia.

1.2 Identidade artística e criatividade

Mauro José Sá Rego Costa (1994) em sua Tese de Doutorado escreveu sobre a Escolinha de Arte do Brasil idealizada por Augusto Rodrigues (1913 – 1993)¹. A Escolinha impressionava por seu clima de liberdade, era frequentada por um público infantil, professores, estudantes, funcionários e filhos de colaboradores; todos interessados no processo criativo.

Costa (1994) discorre sobre o surgimento desta marcante instituição. Augusto Rodrigues desde a década de 1940, em encontros com outros educadores e artistas como Margareth Spencer e Noêmia Varela já defendia a importância da arte no desenvolvimento da criança. Em 1941 chegou ao Brasil uma exposição de crianças inglesas, que deixou Augusto empolgado. Em 1948, desenhos de crianças brasileiras foram recusados em uma exposição na Itália com a alegação de interferência de adultos. Este fato impulsionou no Brasil novas discussões sobre a necessidade de uma prática moderna no trabalho com crianças e culminou com a criação da Escolinha de Arte do Brasil no mesmo ano.

Iniciado na Biblioteca Demonstrativa Castro Alves no Rio de Janeiro, esta iniciativa começou atendendo os filhos dos frequentadores da biblioteca, dos funcionários e as atividades começaram a trazer mais crianças. Os professores que trabalhavam no projeto não tinham horários fixos e remunerações, faziam por prazer, pois até mesmo o material usado era livre.

¹ Augusto Rodrigues teve como principal influência Herbert Read. O principal trabalho do crítico de arte inglês, "Educação Pela Arte" trouxe grande impacto no Movimento das Escolinhas de Arte no Brasil. Read propôs um método educacional integral de base estética para o currículo e esta influência impactou o Modernismo de Rodrigues ao estabelecer um diálogo renovado para o ensino da arte. Sobre Augusto Rodrigues, ler também o verbete organizado por Fávero & Britto (2002) no Dicionário de Educadores no Brasil.

Após quatro anos de fundação da Escolinha os seus integrantes resolvem oficializar a instituição, e esta demora, é explicada pela consolidação da experiência, deixando assim que o projeto tome forma e se desenvolva continuamente. Em 1954 a Escolinha passa a funcionar na Rua México. Em 1957 foi transferida para o espaço da Avenida Marechal Câmara. Como todo projeto teve suas dificuldades e movimentações.

Para nosso trabalho é de suma importância conhecer o trabalho de Augusto Rodrigues e o processo de ensino na Escolinha de Arte do Brasil. Com isso é possível perceber que Augusto Rodrigues tinha a intenção de estimular e dar liberdade as crianças para a criação artística, um contraponto importante em relação ao modelo de ensino tradicional fundamentado na repetição e na cópia de modelos (FUSARI & FERRAZ, 1993).

Costa (1994) participou das aulas nas quais os estudantes exercitavam técnicas, e estas terminavam em rodas de conversa. Este era um momento de troca, e de expor sentimentos e sensações. Era possível notar que as possibilidades de expressão abrem portas para o imaginário e novas produções. Os professores eram artistas, mas que estavam ali para ensinar sobre a técnica e manuseio de materiais, não interferiam nas criações, atendiam as demandas dos alunos, contudo sem controlar a expressão em suas produções.

Costa (1994) também afirma que Augusto Rodrigues criticava a escola mesmo não se distanciando dela e da ideia de mudanças. E o lugar não era uma “escola típica” na concepção tradicional que a expressão normalmente designa porque a instituição *Escolinha* não transmitia tal sensação, sendo esta a grande contribuição de Augusto Rodrigues.

A análise deste autor remete à uma realidade que a Escolinha de Arte do Brasil atravessou no tempo que a ditadura militar, momento difícil para a liberdade de

expressão. Na descrição de Costa (1994) podemos perceber que mesmo com a interferência política o ambiente da Escolinha era estimulante para a livre expressão artística. Além disso retrata a intenção de Augusto Rodrigues de não levar o projeto como uma “escola”, pois sua intenção maior vai além do ensino ao proporcionar um ambiente estimulante.

Em entrevista à Rosza Vel Zoladz (1990), Augusto Rodrigues responde ao questionamento da professora-pesquisadora sobre a atividade artística em que está inserido. Neste sentido Augusto Rodrigues afirma que para pensar no fazer artístico é preciso relacionar a identidade do artista com sua obra, alegando que o perfil do artista é algo inseparável de seu fazer artístico. Deste modo compreendemos que esta afirmação refere-se à necessidade de considerar que a criação artística não se desvincula do artista e é expressamente ligada a partir do modo como o mesmo vê o mundo e as coisas.

Assim constatamos que a relação da identidade do artista com sua criação é importante para refletirmos sobre a expressão artística infantil no universo escolar. De fato, pensar um maior número de experiências artísticas para a criança torna o debate sobre este processo mais rico e elaborado. Segundo Peregrino et al.(1995), podemos dizer também que o gosto e o interesse pela arte depende do contato com a mesma e isto se exemplifica nas classes mais abastadas, onde seus filhos são familiarizados desde pequenos a ambientes culturais e as diferentes linguagens artísticas. Já nas classes menos abastadas o acesso é mais limitado e podemos perceber a diferença na motivação e no interesse pela arte. Quanto mais familiarizado com os bens culturais mais o indivíduo tem chances de uma educação estética de qualidade.

Desta forma, percebemos que a divisão por classe social interfere no capital cultural² do aluno e a vivência desenvolve o conhecimento teórico e prático das

² Capital cultural segundo Pierre Bourdieu (1999), “impôs-se primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das

expressões artísticas. Outro ponto relevante na entrevista de Augusto Rodrigues refere-se ao estímulo que o entrevistado recebia na infância. Segundo ele lhe eram enviados materiais de desenho e pintura sem que ele soubesse o remetente. O material era bastante explorado pois ele o utilizava para demonstrar suas emoções, criar e descobrir nas coisas seus detalhes mais marcantes, mesmo sem o consentimento de seu pai.

Ao relatar este fato Zoladz (1990) ressalta a importância do meio familiar favorável para o desenvolvimento artístico da criança. Além disso, a autora destaca o fato de que a valorização artística apresentada pela família está vinculada ao contexto socioeconômico. Sobre isso o entrevistado afirma que a profissão do artista encontra-se fora dos padrões desejados pelos pais, que desejam a seus filhos uma vida profissional que traga maior retorno social e econômico.

A partir disso, citamos Ceccon e Oliveira (1986) que revela em um dos fragmentos de seu texto a valorização da escola por parte das famílias. O fragmento que destacamos é: “A escola é vista como uma escada que permite à gente subir na vida”, a frase citada nos remete a ideia de que quando se entra na escola o sujeito tem a garantia de que a vida vai melhorar e vamos conseguir ascender socialmente mudando de situação econômica. Vale destacar de antemão que este tipo de pensamento cabe aos sujeitos das classes menos favorecidas tendo em vista que os de classe abastada não precisam ter esse tipo de conhecimento. Assim reiteramos que o contexto social influencia no interesse pelo desenvolvimento artístico das crianças.

De acordo com Zoladz (1990), Augusto Rodrigues considerava a profissão artista desvalorizada, pois a sociedade considera como supérflua, e a mesma não atribui à atividade artística a devida importância. Se o artista é desvalorizado socialmente, a

diferentes classes sociais, relacionando o "sucesso escolar", ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe”.

escola também não estimula a expressão criadora da criança. Com isso, reafirmamos a necessidade da arte para o desenvolvimento da expressão infantil.

Ao mesmo tempo, neste trabalho, a criatividade será apresentada por nós na perspectiva de Fayga Ostrower (1987). Ela afirma inicialmente a existência de um clichê em considerar a criatividade restrita apenas as atividades artísticas, deixando à margem qualquer outra área o que a própria autora exemplifica ao dizer que “um químico pode ser criativo na química porque formula suas perguntas em termos de química...” (OSTROWER, 1987, p.38).

Esta autora também revela que a imaginação criativa surge a partir do interesse, do entusiasmo que um indivíduo apresenta pelas possibilidades de transformação de certas matérias e realidades, e da sua relação com elas. Porém, Ostrower (1987) defende a ideia de que é necessário ter uma visão global dessas matérias e realidades para que de acordo com elas seja destacada a sensibilidade da pessoa, capaz de transformar em criatividade real. Como exemplo destacamos um trecho em que a autora discorre sobre o processo criativo do pintor:

“O pintor ,por exemplo, não imagina em termos de palavras ou de pensamentos .De fato, nem imagina em termos de imagem, ou seja, imagens concluídas, quadros. Ele pode partir de ideias a respeito de pintura ou de outras coisas, ou pode partir de emoções, das quais nem sempre tem conhecimento consciente, ou, ainda ele pode partir de temas literários, históricos, religiosos, de cenas visuais como paisagens, figuras humanas, objetos, natureza morta.” (OSTROWER, 1987, p.35)

O aspecto apresentado acima contribui ajuda a repensar a criatividade, principalmente a sua ausência na formação do sujeito em diferentes espaços sociais.

Para finalizar ressaltamos uma frase do texto de Ostrower (1987) que resume a ideia da autora sobre o que leva o sujeito a criar; “são seus valores de vida que dão a medida para seu pensar e fazer” (p.40). Para nós, isto significa afirmar que a criança tem

como base os princípios e valores que constituem sua identidade para desenvolver sua criatividade. Ou seja, esta concepção sublinha a relação entre educação e criatividade, e como um estímulo adequado para o fazer artístico pode fazer a diferença.

1.3 O desenho infantil

O desenho infantil é um tema que envolve psicólogos, pedagogos, educadores e artistas, na busca de compreender os aspectos emocionais e psíquicos da criança, através da linguagem gráfica formal ou simbólica. No ambiente escolar o desenho geralmente tem lugar específico e é inserido na disciplina Arte ou como um vértice norteador como vemos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. O desenho abrange um conjunto de outras atividades plásticas como a pintura e a escultura, colagem, modelagem, confecção de bonecos e outros objetos. Nosso trabalho tem como foco discutir apenas o desenho infantil como forma de expressão criadora por isso não vamos nos deter em outros tipos de criação como musical, escultural, plástica.

Smolka (2009) trata de apresentar o desenvolvimento do desenho infantil a partir de quatro estágios, os quais foram separados por Georg Kerschensteiner. O primeiro é denominado de estágio esquemas, é neste que a criança desenha representações esquemáticas do objeto que foge da sua representação real. Este estágio é caracterizado pelo fato da criança desenhar a partir de suas memórias e não da observação. A criança desenha o que ela conhece sobre determinado objeto, a parte que considera mais importante e não aquilo que ela observa ou imagina sobre o mesmo. Smolka (2009) cita James Sully que defende a ideia de que a criança que começa a desenhar é mais simbolista do que naturalista pois não se preocupa com a exatidão dos detalhes reais, devido a falta de um objetivo artístico concreto. O primeiro estágio é marcado pela

frequência de desenhos do que é excessivo no objeto e não do que ela vê. A criança busca representar o que é essencial para ela.

O segundo estágio denominado de estágio do surgimento da forma e da linha a criança é despertada aos poucos para a necessidade de enumerar aspectos concretos do objeto. É caracterizado também pela mistura da representação formal com a de esquemas, a maior riqueza de detalhes e proximidade real do objeto.

A representação verossímil é considerada como terceiro estágio do desenvolvimento do desenho segundo Georg Kerschensteiner: é quando o esquema desaparece e o desenho passa a ter uma aparência de silhueta ou de contorno e o objeto é apresentado de forma verossímil e real.

O quarto estágio é o da representação plástica no qual a criança passa a desenhar partes isoladas do objeto em relevo com o auxílio da distribuição da luz e da sombra. Aparece a noção de perspectiva e o desenho transmite um movimento próprio.

Smolka (2009) afirma que os quatro estágios podem ser analisados com mais nitidez a partir da representação da figura humana e de animais. Segundo esta autora são os temas que as crianças mais gostam de desenhar. A partir da afirmação de Georg Kerschensteiner, ela alega que poucas crianças vão além do terceiro estágio sem o auxílio do meio familiar ou escolar.

Na criação artística infantil é importante que seja considerado o princípio da liberdade que é condição fundamental para qualquer tipo de criação. Isso é apontado por Smolka (2009) como algo que precisa ser respeitado assim como as aulas de criação precisam ser de livre escolha e podem surgir do interesse da própria criança. O educador ainda precisa levar em consideração a idéia de que a criação ensina a criança a identificar sua capacidade criadora.

Nosso trabalho procura analisar no segundo capítulo alguns desenhos infantis. Logo, a contribuição de Smolka (2009) se faz pertinente afim de que possamos entender melhor o estagio de criação em que a criança se encontra. Esta autora também ressalta a importância do estímulo familiar e/ou escolar para que a criança continue a desenvolver o processo de criação podendo assim chegar a níveis mais elaborados.

Edith Derdik (1989) se utiliza da fala de alguns autores para ressaltar aspectos importantes relacionados ao desenho infantil. Deste modo Ostrower (1978) assegura que o desenho para a criança se apresenta como uma atividade total que engloba o conjunto de suas potencialidades e necessidades na qual a criança expressa a maneira como se sente no mundo. O desenvolvimento criativo é fundamental para a criança em suas diferentes dimensões: emocional, psíquica, física e cognitiva.

Derdik (1989) levanta a questão de influência do contexto em que a criança esta inserida, pois de acordo com ela o mundo cultural do adulto interage diretamente com o mundo da criança que está em constante transição. Esta interação é percebida no cotidiano partindo da relação estabelecida na sociedade entre adulto e a criança, e os meios de comunicação que produzem imagens marcadas por clichês, expostos na televisão. Segundo a autora “o imaginário contemporâneo é entregue em domicílio”. Por isso a criança é submetida ao condicionamento cultural da sociedade de consumo que seduz e inventa inúmeras necessidades. A atividade criadora da criança então está vinculada a este tipo de influência.

Neste sentido este estudo busca compreender as atividades expressivas do universo infantil e para isso levar em conta questões como a influência social e cultural. Derdik (1989) destaca esta discussão levando a reflexão sobre a realidade em que a criança está submetida.

Ao contrário da perspectiva citada por Smolka (2009) que descreve os estágios a partir do surgimento dos desenhos, Derdik (1989) considera importante a fase em que a criança esboça garatuja afirmando que não é simplesmente uma atividade sensório motora sem utilidade. Esta fase revela que esta expressão que parece inútil demonstra confidências emotivas da criança e suas necessidades de comunicação. Esta defensora da valorização da garatuja explica que existem dois tipos de gestos que representam os signos gráficos: gestos arquetípicos, inatos a todas as crianças do mundo sejam elas inseridas em qualquer contexto social e econômico. E os gestos assimilados ou aculturados, que recebem influência do meio cultural. É importante ressaltar que para esta autora as garatuja não devem ser ignoradas nem supervalorizadas. A supervalorização remete ao mito da espontaneidade infantil.

O desenvolvimento gráfico infantil é caracterizado como um patrimônio universal da inteligência humana e também pela correspondência com as circunstâncias geográficas temporais e culturais do ser humano. Porém, é necessário levar em conta que o desenho é uma atividade do imaginário. A criança se apropria de conteúdos apresentados na forma de signos gráficos e reapresenta através da criação de novos significados.

Concordando com Derdik (1989), Rosa Iavelberg (2003) defende a ideia de que o desenho da criança sofre influência da cultura, através dos meios de comunicação embora também afirme que a criança pode ser autônoma ao interpretar e produzir trabalhos artísticos. Ela o faz de maneira cultivada expressando o contexto histórico em que vive, seus conhecimentos, suas representações sobre o que é o desenho e para que serve. Além disso, as crianças expõem no desenho suas experiências de aprendizagem adquiridas ao longo da vida.

Em contrapartida Iavelberg (2003), discorda da ideia apresentada por Smolka (2009) de que o desenvolvimento do desenho infantil parte de uma sequência de estágios afirmando que tal concepção considera o desenvolvimento do grafismo espontâneo. Isto pode ser confirmado quando as crianças chegam ao ensino fundamental e dizem que não sabem desenhar. Assim, esta autora questiona: “como se explica que o desenho, que até então era atividade espontânea e autodidata deixa de ser magicamente” (IAVELBERG, 2003 p. 85). Esta autora considera o desenho simplesmente como a representação do mundo visível, apesar de persistirem estereótipos na orientação de muitos professores. O desenho é uma linguagem que possui características próprias com forte marca de decisões individuais e de culturas coletivas.

Entendemos o que foi levantado por Iavelberg (2003) quando ela discorda da existência de estágios para o desenho infantil, entretanto a separação demonstrada por Smolka (2009) é pertinente desde que não se restrinja somente e leve-se em consideração aspectos culturais.

Iavelberg (2003) afirma que até o início do século XX, o desenho infantil era analisado apenas pelas ações da criança. Qualquer interferência era considerada negativa para o processo natural da criança. Contudo o destaque dado ao desenvolvimento, não explicava o bloqueio na ocasião de ingresso ao ensino fundamental. Querendo ir além Iavelberg (2003) com sua pesquisa concluiu que a criança na construção de desenhos passa por quatro momentos conceituais, que estão delimitados tanto pelas possibilidades de desenvolvimento estrutural da criança, quanto pelas inúmeras influências recebidas no ambiente escolar e social.

Estes momentos são: a ação, imaginação, apropriação e proposição. No momento da ação, desenha-se algo para ser visto. O desenho de imaginação tem dois tempos, simbolismo desarticulado, e simbolismo articulado. Em seguida surge o

desenho de apropriação, ao tornar-se visível o indivíduo interessado nos modelos de desenho da cultura, ele copia e vai incorporando para em seguida mostrar sua individualidade e marcas e estilos próprios em seus desenhos. Deste modo Iavelberg (2003) alega que o período do ensino fundamental não é o tempo de bloqueio criativo pois é a criança quem expressa seus interesses.

A autora traz para nosso estudo sua contribuição ao definir as particularidades do desenho infantil. Pensa isto levando em conta a criança e o seu tempo pessoal. E confirma isto na delimitação destes períodos, pois pensa nas possibilidades estruturais do desenvolvimento infantil e as influências que permeiam este processo.

CAPÍTULO 2 – Uma proposta com desenho na educação infantil

2.1- Contexto educacional e social da escola pesquisada

Neste tópico realizaremos uma apresentação breve dos aspectos físicos, estruturais e característicos da instituição escolar onde realizamos a nossa pesquisa. Utilizamos as sugestões de Bogdan & Biklen (1994), pois estes autores tratam da investigação qualitativa em educação, característica de nosso trabalho. As especificidades apresentadas foram recolhidas a partir da observação e de experiência da autora com o trabalho docente na instituição.

A escola pesquisada³ é da rede particular, de pequeno porte, fundada há seis anos para atender somente à educação Infantil e funciona no mesmo prédio desde sua inauguração. A escola teve uma expansão física a fim de atender as series iniciais do ensino fundamental, possuindo sempre um design bem divertido e colorido. A escola é bastante atrativa para as crianças, que se encantam com os desenhos e as figuras variadas em cada espaço.

As turmas são compostas basicamente por vinte alunos. Desta maneira consideramos que para o atendimento dos alunos a ampliação do prédio se tornou favorável, de modo que as turmas possam ser acomodadas em espaços confortáveis. O prédio possui um laboratório de informática, uma sala para atividades diversas, espaço multimídia, e ambientes para recreação com parquinho, onde são realizadas aulas de capoeira e ballet.

³ A escola onde a pesquisa foi realizada não está identificada por questões éticas e preservação da mesma assim como toda a comunidade escolar. A autora atuou na escola na função de professora na educação infantil por três anos e meio, conhecendo de forma direta o espaço, funcionamento e cotidiano, razão pela qual a escola foi eleita para a realização deste estudo.

A escola está situada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro Maré, mais exatamente no Parque União. A organização espacial onde está localizada a escola é eminentemente urbana. O bairro é em sua maioria residencial e também possui inúmeros estabelecimentos comerciais. Este bairro popular formado por inúmeros territórios e comunidades dominadas por criminosos reúne enorme diversidade sociocultural e está exposto ao tráfico de drogas (VARELLA, 2002).

A comunidade ainda contou recentemente com a entrada do Exército que antecedeu a atual ocupação de policiais militares no projeto do governo estadual cujo objetivo é recuperar territórios ocupados por traficantes através da instalação das Unidades de Polícia Pacificadora. Entretanto, até o momento as ações da criminalidade local ainda não foram inibidas.

A respeito de igualdades e diferenças sociais, Mônica Pereira dos Santos (2001) afirma:

“embora sejamos todos iguais em valor (como seres humanos), isso não significa que somos todos iguais também em nossa forma de ser. Em outras palavras: apesar de termos declaradamente o mesmo valor como seres humanos, e conseqüentemente os mesmos direitos a uma vida digna, não vivemos de forma homogênea.” (SANTOS 2001, p.3)

Peregrino et al. (1995) considera que as classes mais favorecidas têm maior facilidade no acesso as obras de arte e a escola. Deste modo as desigualdades sociais geram desigualdades culturais. A arte é reconhecida como formadora de patrimônio artístico e cultural, também como forma de expressão e comunicação. Sendo assim o interesse pela arte depende da familiarização com a mesma. Com isso é importante ressaltar o papel da escola ao desenvolver e ampliar este universo em seus alunos para que haja uma efetiva democratização.

Os filhos das classes mais favorecidas vivem um ambiente e uma realidade muito diferente da que observamos nesta pesquisa. Desde pequenos são acostumados

com espaços culturais e diferentes manifestações artísticas. Entretanto a questão econômica, não é determinante. Ela não determina, mas influencia, pois filhos de classes mais abastadas tem maior acesso a cursos, atividades extracurriculares e culturais. Já os alunos de classes menos favorecidas não têm esse livre acesso e facilidade na realização de qualquer outra atividade que não a escolar. Por isso a escola torna se tão importante neste processo.

A escola de nossa pesquisa varia entre a pedagogia tradicional e o *escolanovismo*, no entender de Diana Gonçalves Vidal (2000). Ou seja, as práticas de ensino nos moldes tradicionais partem do princípio onde o professor e o conteúdo constituem o centro do processo educacional, o que ocorre praticamente desde a época dos jesuítas. A escola em seus moldes tradicionais é indutora da passividade: o professor reproduz valores vigentes, e integra o aluno na sociedade de uma forma em que ele não discute, não é crítico é apenas um reproduzidor do que lhe foi imposto. Para acompanhar as transformações sociais e satisfazer a suas necessidades, a escola rompe gradativamente com esta ideologia predominante a fim de satisfazer a necessidade contemporânea de formar um aluno crítico que interage e participa.

Como afirma Vidal (2000) a escola nova valoriza a formação do aluno; ele passa a ser o centro do processo. A criança passa a ser vista em suas individualidades: é um indivíduo que se relaciona com a sociedade e também único em suas particularidades a partir desta renovação.

As denominações escola nova e escola tradicional partem das mudanças estruturais nos moldes de ensino. Com isso cabe a escola e aos professores fazer uma ponte paralela entre as duas, e a escola de nosso estudo se encontra nesta transição carregando um tradicionalismo muito marcante em sua organização educacional, mas que dá espaço a experiências modernas.

A instituição oferece primordialmente a educação infantil e alguns anos do ensino fundamental. É um espaço que chama a atenção pela atmosfera muito receptiva: é tudo muito bonito e agradável. Nas salas de aula e corredores existe uma série de murais, entretanto os mesmos são montados e preenchidos pelas produções das professoras.

Iavelberg (2003) destaca a questão da valorização e incentivo aos alunos com relação a arte. As atividades podem fazer sentido ou tornarem-se desgastantes para os alunos. É necessário que o aluno participe e conheça as finalidades de cada tarefa proposta.

Na educação infantil e no trabalho com a arte, é de grande importância a valorização da produção da criança. No caso estudado a produção dos alunos não é valorizada no sentido de estarem expostas, para que eles vejam os seus próprios trabalhos e o de seus colegas. Isto seria um incentivo e valorizaria a produção deles.

Estas questões atravessam o nosso estudo. Percebemos assim que arte faz parte da formação do indivíduo como cidadão. A democratização da arte passa por influências sociais, econômicas e culturais. A escola adquire um papel decisivo pois ela pode oferecer aos alunos o contato, a familiarização e o incentivo a expressão artística.

2.2 - Análises de Desenhos

Este item apresenta a análise dos desenhos feitos pelas crianças da instituição em que realizamos a pesquisa. Neste sentido Vergara (2004) propõe a técnica de análise de desenhos, como meio de coleta de dados, na pesquisa qualitativa, afirmando que esta abordagem visa estimular a revelação dos aspectos emocionais, psicológicos e políticos, algo pouco explorado mesmo na pesquisa qualitativa.

Além disso, esta autora acredita que através de desenhos é possível analisar perspectivas que estão além das palavras escritas ou da linguagem oral. Escolhemos a análise de desenhos por compreendermos que o desenho é uma forma espontânea da criança expressar seus sentimentos e sua visão de mundo.

Ao defender a análise de desenhos como técnica de coleta de dados nas pesquisas qualitativas, Vergara (2004) destaca que há limitações em sua utilização. Uma das limitações desta técnica esta ligada a dificuldade na generalização dos resultados da pesquisa, que depende do contexto social em que os indivíduos participantes da pesquisa estão envolvidos. Esta é uma limitação aos métodos e técnicas de pesquisa qualitativa está relacionada a definição de critérios e sujeitos. Outra limitação destacada refere se a interpretação dos resultados, pois de acordo com Vergara (2004) quando o sujeito da pesquisa fornece os dados, mas não oferece sua interpretação é o pesquisador que precisa interpretar e explicar os desenhos, algo que exige do mesmo o conhecimento de psicologia e alta sensibilidade para analisar as imagens

A partir disto fizemos a análise dos desenhos das crianças da instituição de nosso estudo, a fim de pensar como se dá valorização do ensino de artes pela escola, e como isto se reflete nos alunos nas atividades expressivas do universo infantil.

A seguir apresentaremos a análise realizada através dos desenhos disponibilizados pelas professoras da instituição escolhida para esta pesquisa. Organizamos a análise utilizando uma triangulação que corresponde: a) a proposta da professora, b) descrição dos elementos visuais compositivos do desenho sob a nossa perspectiva, c) análise sobre Arte e Grafismo Infantil de acordo com o referencial teórico apresentado no capítulo 1.

Elegemos duas categorias para a análise do grafismo das crianças, a partir da descrição da professora e de nossa perspectiva, sendo elas: desenho livre e desenho para colorir.

a- Desenho livre

A proposta da professora foi permitir que as crianças fizessem uma atividade livre, na qual eles puderam escolher o material utilizado para a produção do desenho. O objetivo da atividade, segundo a professora era proporcionar o uso da criatividade e também a distração das crianças. A atividade foi ministrada para ocupar o tempo das crianças no momento de espera, que antecedia o recreio.

Estes desenhos foram feitos de modo livre, eles escolheram as cores , cada um pegou uma cor de lápis de cor pra pintar. Eles escolheram usar lápis ,não quiseram giz de cera e eu dei uma folha branca para cada um ,para que eles desenhassem o que eles queriam. Não registrei nada sobre o desenho pois foi uma atividade livre , deixei eles desenhando para se distraírem e usarem a criatividade deles ,não sendo dirigido para ser algo mais prazeroso para eles. (Professora A)

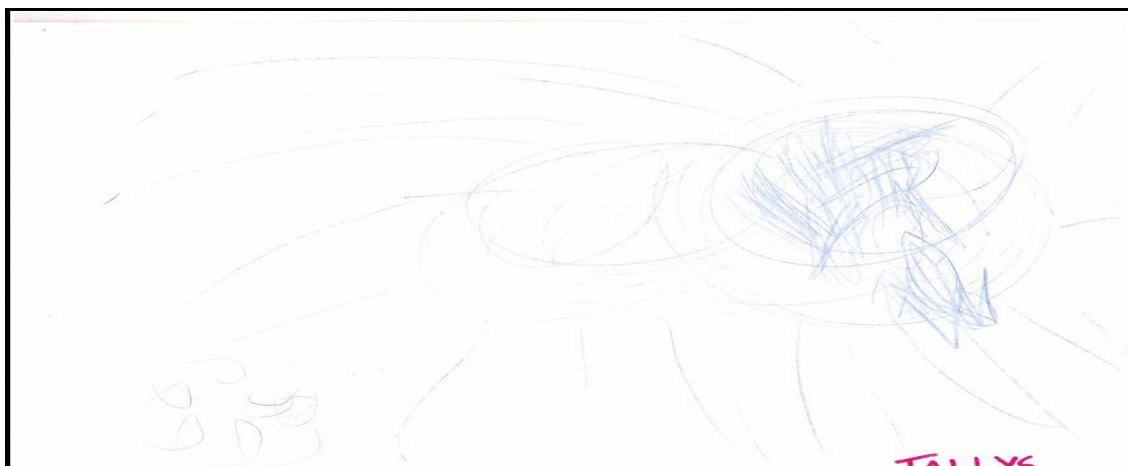
Desenho 1



O desenho é composto por linhas horizontais contínuas, de modo que a criança não retira o lápis da folha. Também é possível identificar círculos sobrepostos, sem um critério determinado de diferenciação por tamanho ou espessura. Foi utilizado para a produção do desenho apenas uma cor de lápis. A criança não ultrapassa os limites da folha e usa o espaço de forma aleatória. Não são identificadas formas que correspondam a objetos reais reconhecíveis.

Assim como vimos no Capítulo I Smolka (2009) defende o princípio da liberdade na criação artística das crianças, afirmando a importância da mesma para a expressão criativa. A proposta da professora concorda com este pensamento, visto que ela proporciona uma atividade sem que tenha sua interferência e também ressalta a necessidade deste tipo de produção artística para desenvolver a criatividade da criança. Em contrapartida vimos que Rego (1995), afirma que para Vygotsky todo aprendizado precisa ser mediado e não apenas proposto sem nenhum objetivo claro, pois a compreensão do objetivo estimula o interesse pela realização da atividade, que se torna um desafio a ser alcançado.

Desenho 2



Utilizando apenas uma cor a criança faz círculos contínuos acompanhados de riscos em torno e uma pintura aleatória no sentido vertical e horizontal na tentativa de preencher o círculo. A imagem nos leva a visualizar um sol estereotipado (círculo com traços ao redor representando os raios solares.). Também é possível identificar que com apenas um traçado contínuo a criança formou um círculo marcado por voltas que remetem ao símbolo de uma nuvem. O desenho não ultrapassa o limite da folha e ocupa todo o espaço do papel.

Sobre esta imagem, refletimos a respeito da separação por estágios de desenvolvimento do desenho infantil apresentado por Smolka (2009), a qual delimita característica para cada um dos estágios. Neste caso identificamos que este desenho corresponde ao segundo estágio denominado de estágio do surgimento da forma e da linha, no qual a criança passa a expressar o que observa, demonstrando aspectos concretos do objeto, a maior riqueza de detalhes e proximidade real do objeto. Além disso, também percebemos a ligação deste desenho com o que fora exposto por Derdik (1989), quando revela a interferência do contexto social, econômico e cultural em que a criança está inserida, partindo do princípio de que o universo infantil está em constante interação com o mundo cultural do adulto. A interação é observada a partir da relação estabelecida na sociedade entre adulto e a criança, e os meios de comunicação que impõem imagens padronizadas levando a criança a considerar estas referências um cânone a ser seguido.

Desenho 3



Com um traçado fino leve a criança faz linhas aleatórias horizontais e verticais e também esboça a tentativa de desenhar um círculo que ultrapassa os limites do papel, e não utiliza todo o espaço da folha. Para a produção do desenho a criança usou duas cores suaves. Não é possível identificar forma de nenhum objeto concreto.

Este desenho nos remete a discussão de Derdik (1989) sobre a relevância de considerar como parte do desenvolvimento do desenho infantil todo e qualquer tipo traço, linha ou forma esboçado pela criança. Neste sentido, o desenho encontra-se dentro do que é conhecido como garatuja, pois gestos espontâneos realizados pela criança que não são compreensíveis aos olhos dos adultos. Esta autora defende a ideia de que não se pode ignorar ou super valorizar esta expressão artística para não

relacionar a atividade ao mito de que tudo que é realizado pela criança é espontâneo e não sofre influência do meio.

Ao analisar os desenhos, pensando em todos seus aspectos e no que foi proposto pela professora, percebemos uma atividade sem nenhum estímulo, sem nenhum objetivo artístico ou pedagógico, apenas para passar o tempo, de fato uma atividade irrelevante para estes alunos. Há uma deficiência neste processo tanto para os alunos quanto para a professora que ao utilizar o desenho deste modo perpetua a ideia da arte do desenho como algo supérfluo e sem importância.

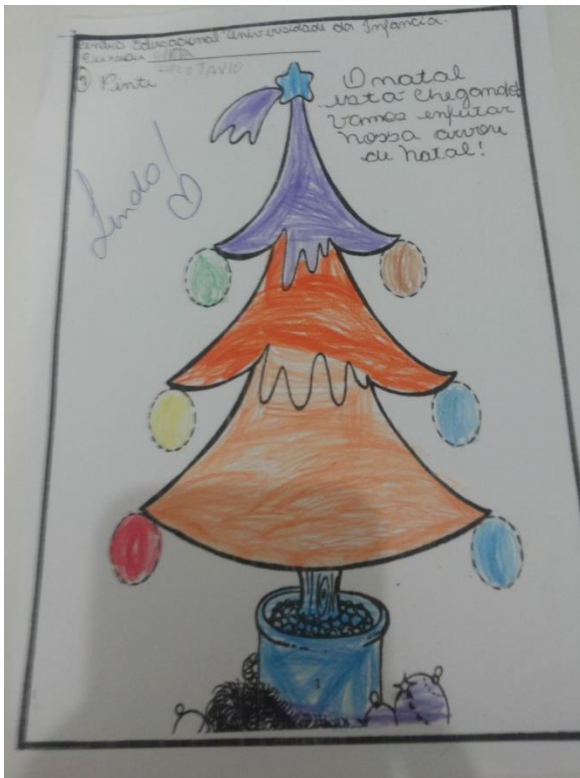
Nosso objetivo não é condenar a professora, pois já observamos os inúmeros agentes de influência na relação com arte, mas não podemos deixar de destacar que uma proposta não formulada com a devida atenção, pode gerar consequências negativas para o processo de ensino e aprendizagem, no âmbito pedagógico e artístico.

b- Desenho para colorir

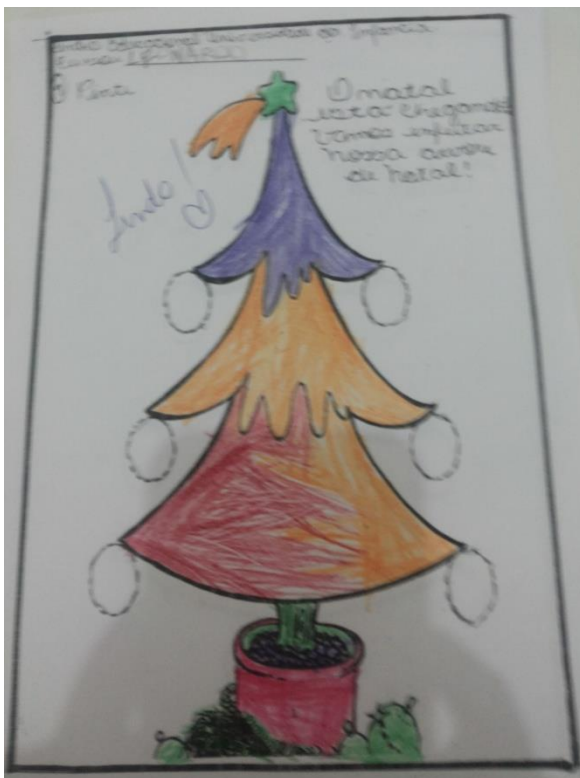
A proposta da professora na atividade era apresentar características do natal, a partir de símbolos que remetem a esta data comemorativa. Para isto distribuiu uma gravura de árvore de Natal em branco junto à lápis de cor variados. O objetivo era permitir que as crianças conhecessem melhor o Natal.

Essa semana nós fomos fazendo pinturas natalinas comemorando já o Natal, essa turma do pré pintou a árvore com lápis de cor. Foi livre porque cada um escolheu suas cores e pintou do jeito que quis... e o objetivo era para poder conhecer melhor o Natal e as festas o que estão envolvidas... e eles gostaram bem desta atividade.
(Professora B)

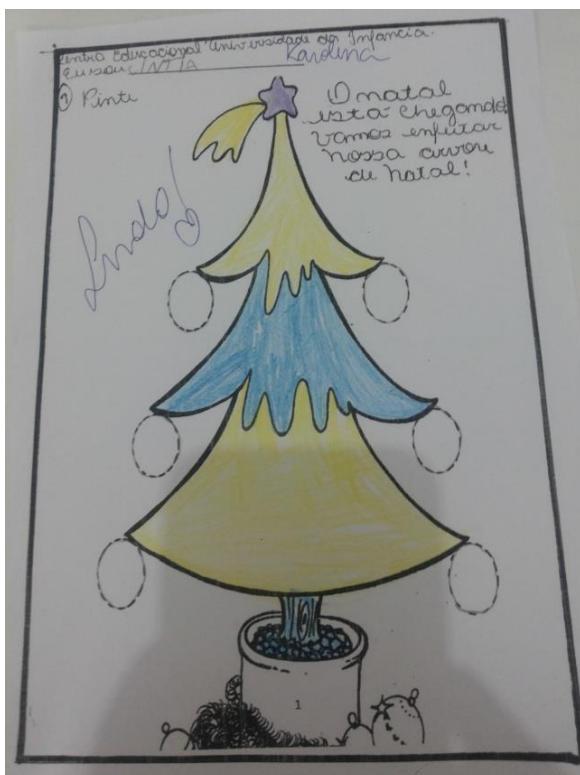
Desenho 1



Desenho 2



Desenho 3



Os três desenhos trazem características comuns. O espaço da gravura está completo, e a pintura não ultrapassa o limite das linhas. O que diferencia é a variedade de cores apresentadas em cada produção, e o movimento seguido para a pintura que variam entre horizontais e verticais.

Os alunos da escola de nossa pesquisa são de classe popular, e moradores de comunidade. É interessante pensar que socialmente eles já estão distanciados da arte, e quando chegam a escola isto se perpetua. Deste modo me deparo com um processo fragmentado, com atividades que não permitem o desenvolvimento da criatividade e reduzem o espaço de expressão da criança. É notória a utilização dos desenhos prontos os famosos “desenhos para colorir” onde a professora escolhe um desenho que ela considera bonito, muitas vezes um personagem e entrega as crianças, assim como atividades isoladas e descontextualizadas, como o desenho livre para passar o tempo. Como ele ocorre? Próximo ao horário do recreio ou da

saída e resta um período, logo é entregue para o aluno uma folha branca e um pouco de giz de cera para ele desenhar, sem objetivo nenhum a não ser de mantê-los fazendo algo por um período de tempo.

O desenho pronto traz geralmente consigo os estereótipos que são distribuídos e estimulados, formamos assim reprodutores e não alunos criadores, além disto propor uma atividade como esta para trabalhar um tema como o Natal, tema este que passa pela ponto da religião, que já se afasta da laicidade da escola, acaba se tornando uma proposta vazia, que não tem objetivo algum a não ser mostrar aos pais, preencher tempo ou até mesmo disfarçar a falta de um trabalho criativo e relevante pedagógica e artisticamente. Esta atividade é tão mecânica para os alunos quanto para a professora pois podemos observar, até mesmo no elogio dela que é sempre igual, até mesmo localizado e grafado de forma semelhante, é sempre “Lindo”.

Conclusão

Perante as discussões teóricas feitas com base em autores pertinentes para o campo da arte na educação infantil e a partir da análise de desenhos é possível fazer uma conclusão sobre este trabalho. Neste sentido, buscamos agora rever a questão inicial desta monografia, que buscou estudar a valorização da arte na escola e como isto se reflete em uma escola periférica.

No primeiro capítulo apresentamos o referencial teórico com intuito de discutir as possíveis relações do mesmo com as observações e o grafismo das crianças. O segundo capítulo descreve a unidade escolar específica e sua ação pedagógica trazendo a análise de alguns desenhos.

Com tudo o que foi apresentado nesta Monografia cabe agora fazer a principal conclusão, que corresponde ao nosso objetivo geral da pesquisa, ou seja, investigar como a valorização do ensino de arte pela escola, se reflete nos alunos da educação infantil.

Neste olhar concluímos que os desenhos selecionados neste trabalho transmitem inadequação das propostas artísticas e restringem os trabalhos a reprodução de estereótipos como na pintura de desenhos prontos ou no uso de materiais pouco diversificados como giz de cera e lápis de cor .

O estudo dos desenhos das crianças tem o intuito de entender o que elas estão compreendendo, como estão se expressando e se estão usando sua criatividade, assim como valorizar o contexto em que os alunos estão inseridos. Logo percebemos no Capítulo 2 uma deficiência neste processo, tendo em vista a contribuição moderna da escolinha de arte do Brasil.

Este estudo, buscou investigar a questão da valorização do ensino de artes pela escola, e as interferências, contribuições e restrições ocasionadas aos alunos da

educação infantil, através desta pesquisa realizada em apenas uma instituição de ensino. Nossa principal lacuna reside no fato desta pesquisa ter sido realizada apenas em uma instituição de ensino.

Entretanto podemos refletir sobre o resultado obtido no trabalho ao cogitarmos a possibilidade de encontrarmos um cenário parecido entre a instituição investigada e outros estabelecimentos educacionais no campo da educação infantil. Além disso reafirmamos o paradigma *escolanovista* e a urgência de novas metodologias do ensino de arte para a educação infantil.

Em nosso estudo é de suma importância enfatizarmos onde está localizada esta escola afim de entendermos melhor o contexto social vivenciado pelas crianças. Isto nos leva a refletir sobre a questão social no cotidiano escolar artístico. Grande parte dos estudantes na cidade do Rio de Janeiro residem em territórios com características semelhantes: as crianças e jovens estão sujeitos à criminalidade e as drogas. Deste modo a consideração de Smolka (2009) é pertinente para o nosso trabalho pois nos faz refletir sobre a capacidade criadora e expressiva da criança pois a mesma irá reproduzir vivências e experiências de forma linear. Entretanto, também estamos interessados no que pode ser acrescentado e combinado para enriquecer o processo de criação da criança.

Logo, é possível apresentar algumas sugestões aos professores que atuam na educação infantil. A primeira é pesquisar mais sobre as diferentes formas de fazer arte e possibilidades com materiais diversos para realização de atividades lúdicas e que unam expressão e conhecimento, proporcionando aos alunos experimentar e explorar novas perspectivas. A segunda alternativa é considerar o ensino de arte parte integrante do currículo como uma área de conhecimento que também leva as crianças a desenvolver habilidades a entender a arte como formadora do sujeito.

Esta monografia demandou um grande empenho principalmente na questão do tempo disponível para a realização do estudo. Entretanto este trabalho proporcionou, conhecimento e enriquecimento acadêmico, tanto na prática da pesquisa educacional que foi estimulada durante o Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quanto a compreensão do papel da educação infantil, especialmente na importância de ser um professor pesquisador que questiona e busca o conhecimento. A Monografia também permitiu conhecer e refletir sobre a nossa própria prática e as concepções que envolvem o ensino da arte na maneira de respeitar o aluno em sua totalidade sem jamais restringir a sua expressão e o acesso a uma educação criadora de base estética.

Referências bibliográficas:

ALVES, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. São Paulo: Cader. Pesqui., Maio 1991.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação** / Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, 2ª edição. pp. 71-79.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; Rosiska Darcy de. **A vida na escola e a escola na vida**. 14ª Ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1986. 93p.

COSTA, Mauro José do Rêgo. **O artista na sala de aula: Outras perspectivas para a educação Artística**. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Tese de doutorado- Março, 1994.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do Grafismo Infantil**, São Paulo , Scipione,1989.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque, BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.). **Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais**. 2ª ed. aumentada. Rio de Janeiro: Editora UFRJ & MEC/INEP/COMPED, 2002, 1008p.

FUSARI, M. & FERRAZ, M. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender artes: sala de aula e formação de professores** / Rosa Iavelberg – Porto Alegre :Artmed,2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. RJ/Petrópolis: Vozes, 1994.

PEREGRINO, Yara Rosas (coord.). **Da camisa ao museu – o ensino das artes na democratização da cultura**. João Pessoa: Editora Universitária /UFBB, 1995 .

NOGUEIRA, Monique Andries. **Formação cultural de professores ou a arte da fuga** . Goiânia ; UFG, 2008.

OLIVEIRA, Marta Khol. Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 4ª edição/ São Paulo: Scipione, 1993.

OSTROWER ,Fayga. **Criatividade e processos de criação** / Fayga Ostrower. – Petrópolis, Vozes, 1987.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**/ Teresa Cristina Rego. Petrópolis, RJ/ Vozes, 1995.

SANTOS, Mônica Pereira dos . **Escola para Todos – um Olhar pelo Mundo** Anais do V Seminário Nacional do INES: Surdez e Diversidade. Rio de Janeiro, 19 a 21 de setembro de 2001. pp.27-34. Disponível em : <http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/Escola%20para%20Todos.pdf>
Acesso em 20 de dezembro de 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Sistema de Bibliotecas e Informação - **Manual para elaboração e normalização de trabalhos de conclusão de curso** / organizado por Elaine Baptista de Matos Paula et al. – 3. ed. rev., atual. e ampl. -- Rio de Janeiro : SiBI, 2004. 102 p. (Série Manuais de Procedimentos, 6).

VARELLA, Drauzio (org.). **Maré, vida na favela**. Em co-autoria com Ivaldo Bertazzo e Paola Berenstein Jacques. RJ: Casa da Palavra, 2002.

VERGARA, Silvia Constan. **A utilização da construção de desenhos como técnica de coleta de dados**. In : VIEIRA, marcelo Milano Falcão (org.) Pesquisa qualitativa em Administração, Rj Editora FGV. 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves, “**Escola Nova e o Processo Educativo**” In LOPES, Eliane M. T. & FARIA FILHO, Luciano M. & VEIGA Cynthia Greive. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp 497 –517.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. 1896-1934 – **Psicologia da Arte** / L.S.Vigotski; tradução Pedro Bezerra – São Paulo: Martins Fontes ,1999

_____. **Imaginação e Criação na infância: ensaio psicológico** :livro para professores /Lev Semionovich Vigotski;apresentação e comentários Ana Luiza Smolka ; tradução Zoia Prestes – São Paulo :Ática ,2009. 135p,;il (Ensaio comentado).

ZOLADZ , Rosza W.vel – **Augusto Rodrigues : O Artista e a Arte , poeticamente**. Rio de janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1990